



DA CORDIALIDADE DO ÓDIO À INTRUSÃO DA AUSÊNCIA: A CORTESIA INGRATA DA INVEJA

FROM HATRED'S CORDIALITY TO ABSENCE'S INTRUSION: THE UNGRATEFUL COURTESY OF ENVY

Hermano de França Rodriguesⁱ

Fabio Gustavo Romero Simeãoⁱⁱ

RESUMO: Oriunda dos instintos destrutivos da pulsão de morte, a inveja é um dos primeiros e mais arcaicos afetos que despertam na alma do ser humano. Ao contrário do que o senso comum habitualmente preconiza, ela comporta um aspecto estruturante e sua importância para o desenvolvimento sadio da personalidade é significativa, uma vez que, na medida certa, permite ao sujeito reconhecer suas próprias lacunas, falhas e faltas. No entanto, se a inveja atingir proporções exacerbadas, assume uma feição mortífera e as relações com o objeto interno bom tornam-se fatalmente fragilizadas. Eis o caso de Ofélia, personagem do conto *A legião Estrangeira* (1964), de Clarice Lispector – que desenha um dos quadros mais perturbadoramente belos da inveja em nossas letras. Engolfada num abismo de angústia e terror, Ofélia não consegue sustentar-se e, com efeito, a inveja comparece para esgarçar sua dor, que a leva a destruir tudo aquilo que lhe evoque sentimentos de insuficiência. Destarte, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós)kleiniana e algumas considerações de caráter sócio-histórico, pretendemos analisar, na narrativa em foco, as faces mais abjetas que a inveja, em seu teor assaz virulento e passional, pode revelar, quando a dolorosa experiência de incompletude solapa toda expressão de amor e gratidão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Psicanálise. Inveja.

ABSTRACT: Originating from the destructive instincts of the death drive, envy is one of the first and most archaic affections that awaken in the soul of the human being. Contrary to what common sense usually advocates, it has a structuring aspect and its importance for the healthy development of the personality is quite significant, since, in the right measure, it allows the subject to recognize its own gaps and faults. However, if envy reaches over proportions, it assumes a deadly feature and relations with the good internal object become fatally frail. This is the case of Ofélia, a character in Clarice Lispector's *The foreign legion* (1964) – who draws one of the most disturbingly beautiful pictures of envy in our lyrics. Plunged into an abyss of anguish and terror, Ofélia cannot sustain herself, and envy indeed appears to dispel her pain, which leads her to destroy everything that evokes feelings of inadequacy. Thus, in a connection between psychoanalytic (post-Kleinian) studies and some socio-historical considerations, we intend to analyze, in the narrative in

ⁱ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: hermanorg@gmail.com.

ⁱⁱ Graduando em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: fabiogustavor@gmail.com.





focus, the most abject faces that envy, in its very virulent and passionate content showcases, when the painful experience of incompleteness undermines every expression of love and gratitude.

KEYWORDS: Literature. Psychoanalysis. Envy.

Submetido em: 25 out. 2018.

Aprovado em: 29 nov. 2018.

*Acautelai-vos, Senhor, do ciúme,
É um monstro de olhos verdes que zomba
Do alimento de que vive*
William Shakespeare

Introdução

Derivada da forma latina *invideo* – não querer ver o bem do outro, olhar atravessado, olhar maldosamente – a inveja é uma das paixões que mais atormenta a alma humana. Desde a Filosofia, a Literatura e, mais recentemente, a Psicanálise, diversas áreas do conhecimento já se debruçaram sobre este obscuro sentimento, no intento de desbravar seus mais escusos segredos. Diferentes culturas e épocas desenharam-na de maneira particular, erigindo discursos que, ainda hoje, ecoam em nosso imaginário, delineando a maneira como encaramos esse ignóbil afeto.

No caso do Ocidente, atestamos a prevalecente influência do pensamento cristão que, ao retratá-la como um dos “pecados capitais”, elaborou a sua própria concepção da inveja, forjada ao labor dos protocolos maniqueístas, banindo-a, pois, para as paisagens mais inóspitas da mente. A noção de pecado capital – do latim *caput*: cabeça, líder, chefe – remonta aos séculos V e VI, com João Cassiano e o papa Gregório Magno respectivamente. Porém, encontra seu maior expoente na figura do filósofo Santo Tomás de Aquino (1225-1274), um dos mais célebres pensadores da tradição escolástica que, em sua afamada *Summa Theologiae*¹, reorganiza o quadro anterior, legando-nos a diagramação clássica que perdura até os dias de hoje. Aloja os

¹ A Suma Teológica – em latim *Summa Theologiæ* – é um tratado teológico e o trabalho filosófico mais emblemático do pensador católico Santo Tomás de Aquino. Escrita no século XIII, nomeadamente entre os anos de 1265 e 1273, reúne os textos mais próceres da tradição escolástica e a sua influência no pensamento cristão persiste até os dias atuais.

pecados capitais na hedionda galeria dos “vícios”, os quais seriam especialmente daninhos para o espírito humano e, quando praticados, levariam, sem piedade, a outros desvios morais tributários dessa fúnebre lógica, numa cadeia abjeta que culminaria na condenação eterna do réu.

Ao longo das calendas do tempo, foi essa a imagem que o mundo ocidental cunhou da inveja – o mais detestável dos vícios capitais e pelo qual “desfazem-se aos olhos de Deus os bons atos das virtudes”. (TOMÁS DE AQUINO, 2004, p. 115). Entretanto, com o advento da Psicanálise, essa disposição da alma adquiriu novas faces. No seu pioneiro trabalho *Inveja e gratidão* (1957), Melanie Klein² (1882-1960), uma das vozes mais criativamente eloquentes que decifraram o pensamento freudiano, encalça esse afeto até os primórdios da vida psíquica e lhe atribui uma importância fundamental para o desenvolvimento sadio da personalidade. É através dele que “percebemos” nossas próprias limitações, uma vez que, aquilo que desejamos, se encontra no objeto amado. É, também, por intermeio da inveja que retomamos as primitivas fantasias de onipotência, características da primeira infância. Todavia, quando a inveja alcança níveis acentuados pode assumir feições mortíferas que solapam toda expressão de amor, gratidão e, principalmente, criatividade.

Destarte, numa conexão entre a literatura e os estudos psicanalíticos de orientação kleiniana, o presente trabalho debruça-se sobre o conto *A legião estrangeira* (1964), de Clarice Lispector (1920-1977), para elucidar questões referentes às faces mais reles que a inveja, em seu teor mais virulento e passional, pode revelar. Para tanto, dividimos nossa discussão em três tópicos: num primeiro momento, discorreremos sobre o conceito de fantasia inconsciente e a importância deste para o pensamento kleiniano. Em seguida, apresentamos as relações entre angústia e fantasia inconsciente, procurando explicitar como a primeira influencia diretamente a segunda e o papel da inveja no desenvolvimento da personalidade. Por fim, recorreremos ao texto literário para encontrar as representações do sofrimento e do desamparo tão marcantes na

² Segundo Roudinesco & Plon (1998, p. 430-431), “Melanie Klein foi o principal expoente da segunda geração psicanalítica mundial. [...] Transformou totalmente a doutrina freudiana clássica e criou não só a psicanálise de crianças, mas também uma nova técnica de tratamento e de análise didática, o que fizera dela uma chefe de escola”.

história de Ofélia, que, acometida por sentimentos de insuficiência e desqualificação insuportáveis, desaba em desespero.

Sobre as fantasias inconscientes

Ao voltar-se sobre os processos mais arcaicos da vida psíquica humana, Melanie Klein desenvolveu alguns conceitos, de extrema relevância, para os estudos psicanalíticos, especialmente para a análise de crianças. Na sua tentativa de compreender o – até então obscuro – mundo interno do infante, constatou a importância e a amplitude das fantasias inconscientes e sua influência em todo processo mental. Se, em Freud, as fantasias diziam respeito apenas à satisfação ilusória de desejos inconscientes e compareciam não no nascimento, mas num momento mais tardio, em Klein, elas assumem um patamar distinto; existem desde o primeiro momento de vida e passam a ser o núcleo de toda atividade psíquica, das formas mais simples às mais complexas.

Para Klein, o impacto da realidade causado pelo trauma do nascimento, coloca o bebê frente às pulsões de vida e morte – anteriormente adormecidas num hipotético equilíbrio. Essas pulsões, germinadas nas fissuras deflagradas pela violência da colisão entre o psíquico e somático, serão representadas e experienciadas mentalmente por um *ego rudimentar*³ através de fantasias inconscientes. No seu artigo “The nature and function of phantasy” (1952), Susan S. Isaacs (1888-1948), uma das mais insígnias seguidoras de Klein, procura articular certas considerações freudianas acerca das pulsões com o conceito kleiniano de fantasia, definindo este último como:

Agora, segundo a linha de pensamento dos autores presentes, esta ‘expressão mental’ da pulsão, seria a fantasia inconsciente. A fantasia é (na primeira instância) o corolário mental, a representação psíquica das pulsões. Não existe pulsão, necessidade pulsional, nem resposta

³ Diferente de Freud, que coloca o surgimento do ego numa fase posterior do desenvolvimento, Melanie Klein concebe a existência de um ego arcaico desde o momento do nascimento. A função deste seria dominar angústias provenientes da influência da pulsão de morte sobre o organismo, através de fantasias, relações objetais e mecanismos de defesa específicos, que proporcionariam ao recém-nascido a possibilidade de sustentar-se psiquicamente.

que não seja experienciada como fantasia inconsciente⁴. (ISAACS, 2018, p. 83, tradução nossa).

Ao reler o texto freudiano, Isaacs (1952) consegue conciliá-lo com as descobertas kleinianas, que consignavam a fantasia como sendo o representante mental das pulsões. Nesse sentido, as pulsões advindas do Id seriam traduzidas pelo ego em fantasias das mais diversas ordens (de negação, perseguição, reparação, controle onipotente etc.) e vivenciadas – sempre inconscientemente – pelo sujeito. A mente do bebê é, aliás, habitada por várias fantasias, muitas delas desconexas e contraditórias, que procuram exprimir, da melhor forma possível, demandas pulsionais e sentimentos que ainda não tem condições de elaborar. Já, nos primórdios da vida psíquica, recobrem todo processo mental e procuram dar concretude aos conflitos internos do infante. Ainda mais, é a partir delas que o pensamento lógico se estrutura, num momento posterior da maturação emocional, quando o teste da realidade se efetua. De fato, as fantasias inconscientes encontram-se no núcleo de toda forma superior de pensamento, conforme apontado por Segal (1975), outra importante discípula de Klein, quando afirma que “o pensamento não apenas contrasta com a fantasia, mas nela se baseia e dela deriva”. (SEGAL, 1975, p. 34).

Daí a importância que o conceito de fantasia detém no pensamento kleiniano, uma vez que tanto a nossa relação com o mundo externo e material quanto com o mundo interno ou psíquico acontece a partir das lentes da experiência fantasmática e é, ao mesmo tempo, profundamente influenciado por esta. De maneira recíproca, a fantasia também se vê influenciada pelo ambiente externo, que é “incorporado e experimentado” (SEGAL, 1975, p. 25) para formar imagos objetais que se relacionam entre si e com o sujeito. Tais estruturas são calcadas em cima do primeiro objeto de satisfação e/ou frustração do bebê – o seio materno. A partir do contato com o seio da mãe (ou substituto), o bebê irá construir duas imagens inconscientes que serão prototípicas para formações vindouras: um “seio bom” ou idealizado e um “seio

⁴ No original: “Now in the view of the present writers, this 'mental expression' of instinct is unconscious phantasy. Phantasy is (in the first instance) the mental corollary, the psychic representative, of instinct. There is no impulse, no instinctual urge or response which is not experienced as unconscious phantasy”.

mau” ou persecutório. O primeiro condensará todas as experiências boas e de gratificação do contato entre o ego rudimentar e a realidade, ofertadas pelos cuidados maternos, enquanto o segundo amalgamará as experiências más ou frustradoras. Essa dinâmica norteará toda a vida psíquica do sujeito que, como veremos adiante, não se limita apenas à primeira infância, e, de fato, continua ativa na vida adulta.

Das relações entre fantasia, angústia e inveja

A angústia sempre foi tema central e eixo organizador nos estudos de Melanie Klein. Rastreando esse afeto até os primórdios da vida psíquica, ela cataloga tipos específicos e os enquadra em duas *posições*⁵. A primeira posição, chamada esquizo-paranóide, comporta uma angústia sentida primordialmente como aniquiladora e devoradora, e outra, decorrente de um processo maciço de projeções, que assume matizes persecutórios. Aqui, o mundo interno do infante adquire feições aterrorizantes, já que o ego se encontra bastante fragilizado e o furor das pulsões tanáticas é mais intenso.

Para suportar minimamente essas angústias esmagadoras, o ego se servirá de alguns mecanismos de defesa. Diante da angústia esquizoide de aniquilação, a principal defesa do ego é a clivagem (*splitting*) – uma espécie de divisão quase maniqueísta do mundo em partes totalmente “boas” ou “más”. Essa clivagem, conforme comentado acima, será efetuada a partir da relação do bebê com o seio materno, formando, por um lado, o núcleo das experiências boas, dos sentimentos de amor e de gratidão, o seio bom e, por outro, o seio mau, núcleo das experiências frustradoras, do medo e da agressividade. Além da clivagem, o ego também recorre aos processos de introjeção e projeção, mediante os quais poderá se afastar do objeto mau e resguardar o objeto bom ou, então, projetar para fora o objeto bom a fim de neutralizar perigos externos.

⁵ Falar em “posições” e não em “fases” ou “etapas” assume uma importância especial, uma vez que esse termo coloca em cena o caráter situacional do pensamento kleiniano. Mesmo existindo uma ordem cronológica entre as posições - num primeiro momento nos encontramos na posição esquizo-paranóide para só depois adentrarmos na depressiva – a vida psíquica como um todo é marcada pela oscilação entre ambas.



A dinâmica projetiva, se realizada de modo excessivo, estimula a expulsão das partes más do *self*⁶ para o exterior, que serão sentidas como caçadores tirânicos capazes de instaurar um regime de medo e pavor. Com efeito, o ego mune-se de meios cedícios para, suficientemente, tolerar o sentimento de desabamento e perseguição, que são característicos da posição esquizo-paranóide, favorecendo, assim, com uma maior integração e fortalecimento deste. Tudo isso é de extrema relevância para que o sujeito preserve o objeto bom, com o mínimo de cicatrizes, e possa, conseqüentemente, identificar-se com ele, permitindo que a posição seja elaborada de modo satisfatório. Porém, outro fator interno que pode comprometer esse processo é a inveja.

Oriunda dos instintos destrutivos da pulsão de morte, a inveja é um dos afetos mais arcaicos que despertam no ser humano. No seu pioneiro trabalho *Inveja e gratidão* (1957), Klein aponta para o papel da inveja na constituição do sujeito ao estabelecer que ela opera desde as primeiras relações objetais. Nesse sentido, o primeiro objeto do infante a ser invejado é o seio nutridor, que pela natureza idealizadora do bebê é concebido como fonte da própria vida (SEGAL, 1975). Se, por um lado, a inveja possui um aspecto estruturante, na medida em que, confiscado por ela, o sujeito se apercebe das suas lacunas, falhas e limites; caso a negligência materna ancore-se com certa frequência e, por isto mesmo, crie raízes severamente nocivas, a inveja pode atingir proporções exacerbadas, angariando uma imagem letal, capaz de emurchecer qualquer sentimento de amor e gratidão para com o objeto bom:

Meu trabalho ensinou-me que o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação. Esse sentimento soma-se a seu ressentimento e ódio, e o resultado é uma relação perturbada com a mãe. (KLEIN, 1991, p. 214).

Assim, quando a inveja transborda a níveis insuportáveis, o seio bom é irremediavelmente estragado e sua introjeção – e posterior identificação – é

⁶ Nas teorizações kleinianas, o *self* corresponde ao amalgamento do id e a parte inconsciente do ego. Compete a essa dimensão mediar nossa interação com a realidade externa, ofertando-nos, quando preservada, a capacidade de sentir que “somos nós mesmos”.

impossibilitada, prejudicando o desenvolvimento normal da personalidade. Isso porque, sem uma introjeção satisfatória do objeto bom, o ego em formação, diante do medo de aniquilação, é impelido a evocar defesas muito regressivas que o fragilizam. O sujeito invejoso se vê despojado do seu objeto bom e desaba numa solidão devastadora. Torna-se evidente, assim, o imperativo das experiências gratificadoras predominarem sobre as frustradoras, pois, dessa forma, a inveja é controlada e o objeto bom é preservado. Quando isso acontece, o ego se fortalece e a passagem para a próxima posição pode ser atingida.

A elaboração da posição esquizo-paranóide acarreta algumas mudanças na estrutura egoica e na sua relação com os objetos. Todo o amor e ódio que haviam sido mantidos à parte, na relação anterior com objetos “parciais” – aquilo que Freud (1920) chamou de desfusionamento pulsional – serão unificados numa imago única. A esse processo Klein (1946) deu o nome de posição depressiva. A maior integração e organização do ego permite ao sujeito diminuir a distância que existia entre o objeto mau e o objeto bom, até que eles se harmonizam (porém, nunca totalmente) e passam a ser percebidos como um só objeto – que, às vezes, pode ser bom e às vezes mau, que pode ser amado num momento e odiado num outro.

A partir do momento em que o sujeito se relaciona com um objeto total, ele compreende que os ataques dirigidos à imagem malévola do seio, na posição anterior, poderiam ter danificado o seu objeto bom. Por conseguinte, o objeto total da posição depressiva será percebido como estragado ou moribundo, o que, por sua vez, acarretará no surgimento da angústia específica desta nova posição: o sentimento de culpa, cujo aparecimento exige do ego em formação outras fantasias e mecanismos de defesa, de caráter mais reparador. Não que as defesas paranoides sejam abandonadas ao todo, elas apenas se revestem com tonalidades diferentes e passam a um segundo plano. A clivagem, por exemplo, não se dará mais em termos de um objeto “bom” e outro “mau”, mas em torno de um objeto total “destruído” e outro “íntegro” – o que permitirá ao ego recorrer à negação ou ao triunfo de sua angústia depressiva.

É imprescindível alçar à posição depressiva para o desenvolvimento sadio do ego. Uma vez conquistada, os impulsos integradores sobrepor-se-ão aos destrutivos e o mundo interno do infante se estrutura, alcançando níveis mais complexos de organização. O ego encontra-se mais integrado e consegue estabelecer um vínculo mais estável com a realidade. O sujeito passa a se perceber separado dos seus objetos e a reconhecer a sua própria ambivalência. Tudo isso implica num amadurecimento significativo da personalidade, posto que o ego não precisa mais recorrer a defesas rudimentares que favoreceriam sua fragmentação. Porém, como advertimos antes, a oscilação entre as posições é a norma. A nossa relação com o mundo real será sempre marcada pelo tipo de angústia que predomine num momento dado e, por conseguinte, pelos mecanismos de defesa acionados, sempre em fantasia, para dar sentido às querelas subjetivas e, assim, suportar a realidade.

A diplomacia fúnebre da inveja

Para o grande filósofo racionalista Spinoza, a inveja seria “o ódio que afeta o homem de tal modo que ele se entristece com a felicidade de outrem e, ao contrário, se alegra com o mal de outrem.” (SPINOZA apud TRINCA, 2009, p. 51). Um dos quadros mais perturbadoramente belos dessa avassaladora paixão é desenhado por Clarice Lispector, no seu conto *A legião estrangeira*, que compõe a coletânea *Laços de família*, publicada originalmente em 1964. A começar pelo título da narrativa, que por si só já aponta um entendimento quase alegórico desse torpe ânimo. Se considerarmos o sintagma “legião”, seremos confrontados com as figuras de um agrupamento bélico, de um esquadrão de demônios, ou anjos. E, ao articulá-lo com o adjetivo “estrangeira”, somos conduzidos a reconhecer, nessa construção metafórica, uma clara exposição de um mal-estar frente à dificuldade que o ser humano tem em admitir, nele mesmo, essa deformação do espírito e, ao mesmo tempo, a facilidade em apontá-la nos demais, pois o mal, desde tempos imemoriais, é sempre diaspórico, desertado, do outro.

Na obra em questão, deparamo-nos com uma narradora-protagonista sem nome que, ao receber de seus filhos um presente na véspera de Natal,

lembra-se do tempo em que fora “testemunha de uma menina”. (LISPECTOR, 2016, p. 352). A protagonista passa, então, a narrar suas lembranças sobre o doloroso convívio com uma família que se hospedara, há alguns anos, no mesmo edifício. Transparecem fortes traços de desgosto e ressentimento na descrição que faz de seus antigos e ignotos vizinhos: “[...] os três trigueiros e bem vestidos passavam como se fossem à missa, aquela família que vivia sob o signo de um orgulho ou de um martírio oculto, arroxeados como flores da Paixão.” (LISPECTOR, 2016, p. 354). Chama-nos a atenção, de imediato, a caracterização da família, encrustada numa lógica cristã, que faz emergir a imagem da santíssima trindade: pai, filho e espírito santo. O surpreendente é que a voz narrativa, em tom proléptico e irônico, antecipa a desagregação dos elementos que compunham essa tríade, supostamente, indissolúvel, e a desqualifica, ao evidenciar o distanciamento e a apatia entre seus membros. Outro ponto que merece destaque diz respeito ao termo “trigueiro”, cuja semântica refere-se à cor escura que o trigo adquire quando maduro. Dessa forma, pais e filha alinham-se à escuridão do cereal, que ultrapassa a cor da pele e acaba reverberando, metaforicamente, na própria subjetividade destes. Efetivamente, eles são desenhados como hóspedes de um afeto estrangeiro, que finca suas raízes perniciosas nas cavernas mais recônditas da alma.

Perscrutando, ainda, esta primeira demarcação do núcleo familiar em tela, encontramos sentidos outros, que trazem à tona aspectos essenciais para compreendermos a verdadeira extensão da paisagem, terrivelmente humana, oferecida por Lispector. O enquadre de um clã esmagado pelo orgulho contrasta com a altivez consagrada, pela narradora, à linhagem embotada por flores que germinam no horto do desamparo. Todavia, a aparente contradição transforma-se em harmonia, uma vez que, numa insólita convergência entre os estudos teológicos e as inquições psicanalíticas, a inveja é, unanimemente, situada nas pilastras da onipotência e da arrogância, sobretudo porque ela subjuga todos os outros “vícios”. Sua atuação, ancorada na indiferença e no desprezo, obedece ao regime enfadonho e mortífero da repetição, tal qual nos é apresentado na diagramação de um casal que, habitualmente, mostra-se insensível à presença do outro, e acaba por esvaziar o sentimento de existir, quando, à revelia, entrega-se à sacralização do martírio. Como bons

hospedeiros, ritualizam o sofrimento que angaria, nesse cenário, a tonalidade “arroxeada”. Aqui, mais uma vez, os espectros da inveja dão sinais de uma vivacidade convulsiva, porquanto remetem ao imaginário popular⁷ que, desde tempos remotos, escancara o elo entre esse tingimento em particular e o mal nefando de *Phthónos* – figura da mitologia helênica que personifica os sentimentos do ciúme e da inveja. Além disso, a família é caracterizada como tendo uma condição social e financeira superior à da protagonista que, em vários momentos da narrativa, assume uma postura quase submissa ante eles.

O membro da família com quem a narradora mais tinha contato era a filha do altaneiro casal, Ofélia, que a visitava todas as tardes. Essas visitas eram um verdadeiro suplício para a anfitriã porque a severa garota, sempre com ares de soberba, passava horas e horas criticando tudo que a protagonista fazia. Encontrava defeitos na sua vestimenta, alimentação, na sua maneira de cuidar da casa, enfim, quase toda atitude que a protagonista tomava era completamente errada para a jovem visitante, que fazia questão de presentear a protagonista com vários conselhos:

Era uma menina belíssima, com longos cachos duros, Ofélia, com olheiras roxas iguais às da mãe, as mesmas gengivas um pouco roxas, a mesma boca fina de quem se cortou. Mas essa, a boca, falava. [...] Ofélia, ela dava-me conselhos. Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião. Dizia “na minha opinião” em tom ressentido, como se eu lhe devesse ter pedido conselhos e, já que eu não pedia, ela dava. (LISPECTOR, 2016, p. 354-355)

Antes de percorrermos as sinuosidades esculpidas no excerto elencado acima, faz-se necessário, em prol de uma leitura mais elucidativa, recorrer à etimologia para extrairmos sentidos que, embora não estejam tão perceptíveis, contribuem sobremaneira na decifração do enigma lançado por Lispector. Referimo-nos, aqui, à textura que recobre o nome “Ofélia”. Derivada da forma grega *Ophéleis*, a alcunha encerra as acepções “ajuda, socorro” e/ou “ela ajuda/socorre”, que nos conduzem a duas linhas de raciocínio, cujos substratos reverberam o conhecimento psicanalítico.

⁷ “Ficar e/ou estar roxo de inveja” é uma expressão bastante comum no discurso consuetudinário, para referir-se ao sujeito que é tomado, de maneira muito atroz, pelos impulsos destrutivos da inveja.

A primeira, quiçá de caráter mais manifesto, traduz-se na disposição da austera menina em se colocar como “conselheira benevolente” apta, mesmo com a pouca idade, a guiar a vida daquela a quem enxerga com suas distintivas “olheiras roxas”. Mais uma vez, a narradora põe em cena um traço, sem o saber, característico do *continuum* invejoso. No âmago da psicanálise kleiniana, é a pulsão escópica⁸ que conduz e regula os impulsos destrutivos ao objeto desejado. Tal como no mito helênico da Medusa, olhar é, simultaneamente, petrificar e deixar-se inundar pelo semblante do horror. Essa conjuntura nos endereça ao angustiante afresco “A inveja”, peça da coleção “Sobre os vícios e as virtudes”, do célebre pintor e arquiteto italiano Giotto di Bondone (1267-1337), situada na Capela Arena, em Pádua. O dispositivo icônico, construído no século XIV, compõe-se pela figura de uma velha em andrajos, de cuja boca desponta uma serpente que lhe perfura os olhos, numa clara analogia à dinâmica invejosa, na qual o sujeito é impelido a saturar de fel o objeto cobiçado e acaba, imprudentemente, por envenenar-se. Assim, é o fardo de Ofélia que, num movimento inconsciente, a partir de projeções maciças sobre sua vítima, deixa explícita a falência do seu mundo interno, o que consigna a nossa segunda linha de pensamento. Nesse sentido, as farpas que ela dirige, sempre “num tom ressentido”, à protagonista, atingem não somente o alvo pretendido, mas, voltam-se sobre ela mesma, escancarando aquilo que tentara, debalde, mascarar: o estado de total solidão e desamparo.

Segundo Trinca (2009), o sujeito invejoso não suporta suas próprias lacunas que são experimentadas com muita aflição e desgosto. Ao comparar-se com outros, é acometido por impulsos de ódio – conscientes ou inconscientes – que dirige para o objeto que considera evocador desses sentimentos de insuficiência. Nessa perspectiva, a inveja comparece como medida compensatória para sustentar um sujeito extremamente fragilizado que, como procuramos apontar anteriormente, vê-se impossibilitado de tolerar a ameaça de aniquilamento por não ter introjetado, nas primícias da sua existência, um objeto bom suficientemente firme. Essa paisagem subjetiva, tão

⁸ Segundo Bichara (2006): “a pulsão escópica é a própria sexualidade. A sexualidade, por sua natureza, está associada ao desejo, e a pulsão escópica, em especial, está ligada ao desejo do Outro e difere, portanto, das pulsões orais e das anais, que estão no estágio do pedido ao Outro.” (p. 92)

característica de Ofélia, conforme delatada pela voz narrativa, ao expor os traços que lhe são tributados pela mãe, é fruto de uma herança maldita, que impregnam seus olhos e suas gengivas de uma tonalidade sombria e, também, tornam sua boca numa arma dilacerante. Assim, as inúmeras críticas arremessadas contra sua anfitriã dão contornos a um intenso expediente desqualificador, na medida em que a indefesa narradora ocupa, na fantasia, o *tópos* de uma divindade geradora de algum bem do qual ela se sentia injustamente arrebatada. Dessa maneira, Ofélia estaria “estragando” o objeto bom, despojando-o de suas qualidades “invejáveis”, numa tentativa párvua de anular as ansiedades que a condenavam ao requintado suplício de uma atuação-paralisante.

A rotina das personagens carregava-se devotamente. Ofélia anunciava-se, sem ser convocada, no apartamento da protagonista e declamava, a bel prazer, seu canto fúnebre de críticas e conselhos, ao passo que sua “testemunha” resistia, mesmo a duras penas, jogando-se a seu monótono trabalho. Assim se passaram várias tardes. Até que um dia, perto da Páscoa, a simples dona de casa, possivelmente movida por moções inconscientes, orchestra uma nova ária para sua libertação: o cantar de um pinto que trouxera da feira. A singela criatura contrasta não só com a presença intrusiva de Ofélia, como também com o canto desta, ao gorjear um trino agudo, fino e estridente, que evocava sinais de vida num espaço, há muito, dominado por uma estrangeira simbiose mortífera. Mais tarde, como de costume, Ofélia a visitou. Seguindo o seu protocolo habitual, a protagonista copiava arquivos na sua máquina de escrever enquanto Ofélia, espreitando-a do sofá, reproduzia seu discurso esmagador quando, de repente, (re)nasce o canto vivificador da pequena ave. A protagonista, estranhando o súbito silêncio que caíra sobre seu carrasco, levantou o olhar e percebeu que este estava de cabeça a prumo, como que perdido nos seus pensamentos. Em seguida, a pequena ardilosa, perturbada, interroga-lhe sobre aquele barulho que, conquanto vindo de tão longe, ressoava intensamente nas ruínas do seu mundo interior:

Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido [...] Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto, e

a cobiça – ela me queria para ela. Devagar fui me reclinando no espaldar da cadeira, sua inveja que desnudava minha pobreza, e deixava minha pobreza pensativa; não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo. (LISPECTOR, 2016, p. 359).

Quando os olhos canibalescos de Ofélia fisgam o reluzente animal, com a toda a intensidade destrutiva da inveja, este é aviltado em sua natureza mais íntima, o que acaba por apagar quaisquer resquícios que lhe ofertavam a qualidade de ser-vivente. A aniquilação é tão atroz que, nas palavras da narradora, a pobre ave enverga-se “para nunca ter existido”. Decorrem daí os efeitos deturpadores que se projetam pelo olhar de Ofélia, hábeis em agigantar o objeto desejado, colocando-o num patamar que extirpa o animalesco e decreta a onipotência. É assim que, sem ter condições de mitigar seus impulsos sádico-orais, engole irascivelmente tudo ao seu redor, inclusive a pobreza, a falta, enfim, tudo e o nada que julga estar sob a posse de sua rival. Relegada a essa condição, a protagonista torna-se pequena e desprezível, o que testifica a magnitude da voracidade de Ofélia, tão (des)medida que conduz à negação tétrica da alteridade. Tal corolário expressa bem o jogo de forças cartografado por Klein (1991) em sua perscrutação nos territórios mais inóspitos da pulsão de morte.

Durante o desenrolar da narrativa, Ofélia e sua família são retratados como financeiramente mais abastados do que a protagonista. Ainda que eles morassem no mesmo prédio, inclusive no mesmo andar, a pobreza da protagonista é salientada em vários momentos, contrapondo-se com a suposta riqueza da família vizinha. Porém, Ofélia, ao deparar-se com um objeto que não possuía e que claramente desejava – mesmo em se tratando de um simples pinto – é acometida por sentimentos de falta e desqualificação que não consegue suportar. O desejo quase compulsivo de Ofélia pelo pequeno pinto pode ser explicado quando entendemos o que este representava para ela. A dor que lhe assolava era oriunda de um deserto afetivo que a caracteriza durante toda a diegese. Ela passava tardes inteiras no apartamento alheio, sem que seus progenitores demonstrassem grandes preocupações com sua ausência mais que habitual. Talvez, nessas “visitas”, verdadeiros ataques contra sua anfitriã, Ofélia estivesse procurando aquilo que lhe fora negado na sua própria casa, externa e interna: os cuidados de uma mãe. Assim, quando

se depara com o pinto, objeto de amor e de cuidados da protagonista, aquilo que ela vê não é mais um pequeno animal “cheio de graça, coisa breve e amarela” (LISPECTOR, 2016, p. 351), mas, isto sim, tudo aquilo que lhe fora impugnado.

Somente ao ser totalmente abatida pela inveja, quando a ingratidão lhe é solidária, a protagonista envereda na travessia epifânica, insígnia da escrita clariceana, e se permite perceber uma mudança no semblante da menina que sempre se mostrava superior, além das atitudes que se esperariam de uma criança. Pela primeira vez, se olharmos pelas lentes psicanalíticas, somos encharcadas pela vulnerabilidade de Ofélia, que a faz perder os seus limites subjetivos. Ela clamava por uma contenção, e queixava-se de um transbordamento que não poderia evitar. Talvez confundida com a pequena menina, num movimento que os kleinianos denominam de identificação projetiva⁹, a narradora, inocentemente, autoriza a proximidade com o pinto. Porém, como pretendemos apontar acima, a relação do sujeito invejoso com o objeto bom é sempre defeituosa. O pinto, que para Ofélia evocava suas próprias falhas, suas imperfeições e sua inferioridade que não conseguia (re)significar, inevitavelmente tornar-se-ia objeto de seu ódio e alvo de ataques viscerais. Aqui, mais uma vez, a inveja surge como mecanismo compensatório. O sujeito, para evitar a dolorosa experiência de descapacitação (TRINCA, 2009), destrói o objeto bom (fonte da comparação), destituindo-o de suas qualidades desejáveis.

A narrativa chega ao fim quando a protagonista, depois de um período inusual de silêncio, vai até a cozinha e se depara com o corpo inerte e sem vida da impotente criatura. Entendemos, assim, que a inveja destrutiva de Ofélia atingiu níveis que não conseguira escorar e a única saída que encontrara, para minimamente pacificar sua dor, foi a destruição total do objeto bom – evocador de suas imperfeições mais íntimas. O que Ofélia destruiu, de certa maneira, vai além de um desprezioso pinto. Ao ceifar a vida do pequeno animal, ela estaria impossibilitando sua relação com a protagonista que, de fato, representava o seu objeto bom. Esse ciclo vicioso da inveja pode

⁹ Para Roudinesco e Plon (1998) trata-se de “um modo específico de projeção e identificação que consiste em introduzir a própria pessoa no objeto para prejudicá-lo”. (p. 336).

ser remontado à mais arcaica relação do sujeito, a relação mãe/bebê. Quando esse vínculo é perturbado por sentimentos odiosos, excessivamente intensos, a construção e a identificação com um objeto bom suficientemente estável se vê comprometida, o que, por sua vez, inviabilizará o desenvolvimento de uma personalidade saudável.

Considerações finais

Como podemos observar, no decorrer do trabalho, diferentes fatores são importantes para que o sujeito em desenvolvimento consiga superar a posição esquizo-paranóide de maneira satisfatória, o que implicaria uma maior capacidade de considerar o outro, de ter empatia, de suportar as próprias falhas e reconhecer-se completo, uno, total. Tanto fatores externos, – como os cuidados da mãe ou substituta, a maneira como o alimento chega ao bebê, entre outros –, quanto internos, – a exemplo das angústias e da inveja – são de extrema relevância para que as experiências de gratificação e de amor se sobreponham às de frustração e ódio, possibilitando, por sua vez, a introjeção de um objeto bom estável que imprima a soberania da criatividade.

Se o objeto bom é devidamente estabilizado, no interior do ego em formação, o sujeito encontrar-se-á munido de mecanismos psíquicos para suportar episódios fugazes de angústias persecutórias, muito intensas, ou de inveja excessiva. Porém, quando isso não acontece, as relações com o objeto bom são corrompidas e, com efeito, o sujeito é acometido por sentimentos invejosos que ignoram as qualidades boas do objeto. Ele dirige seus impulsos destrutivos para este, envenenando e estragando sua própria fonte de vida.

É o que acontece em *A legião estrangeira* (1964), de Clarice Lispector. A mesquinha Ofélia se vê engolfada num abismo de angústia e terror e, ao não conseguir sustentar-se, a inveja comparece para modular permanentemente sua dor, o que a leva a destruir tudo que lhe evoque sentimentos de insuficiência e desqualificação. Nesse sentido, a obsessão do invejoso não se limita em possuir o objeto que deseja e, sim, em arruinar as condições para que outro goze deste. De certa forma, o invejoso direciona seu ódio aos laços afetivos, dizimando aquilo que nos permite viver e nos torna humanos. Das

infindáveis críticas à protagonista, até o momento em que ela extingue a vida do pequeno pinto, Ofélia tenta erigir defesas bastante regressivas contra sua inveja inconsciente e acaba por desabar na mais sórdida solidão.

Referências

BARANGER, Willy. **Posição e objeto na obra de Melanie Klein**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BICHARA, Maria Auxiliadora Cordaro. O olho e o conto: as pulsões fazendo histórias. **Mental**, Barbacena, n. 7, p. 85-105, nov. 2006.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Tradução da 4ª edição inglesa; Elias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LISPECTOR, Clarice. A legião estrangeira. *In*: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização: Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 349-362.

ISAACS, Susan. The nature and function of phantasy. *In*: KLEIN, Melanie *et al.* Edited by Joan Riviere. **Developments in psychoanalysis**. London; New York: Routledge, 2018. p. 67-121.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

TOMÁS DE AQUINO (Santo). Os sete pecados capitais. *In*: TOMÁS DE AQUINO (Santo). **Sobre o ensino (De magistro), os sete pecados capitais**. Tradução: Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Clássicos)

TRINCA, Walter. O sistema mental determinante da inveja. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 51-58, 2009.